



As rodas de choro em Goiânia (GO): motivações, locais de atuação e relações com o mundo do trabalho

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUB-ÁREA: Etnomusicologia

Lauriane Campos Barbosa

Universidade Federal de Goiás – laurbarbosa.lcb@gmail.com

Magda de Miranda Clímaco

Universidade Federal de Goiás – magluiz@hotmail.com

Resumo: Objetivou-se investigar os espaços que o gênero choro têm ocupado hoje na cidade de Goiânia, as motivações que têm levado os chorões a ocupar esses espaços, e as interações que estabelecem com o mundo do trabalho. A abordagem teórico metodológica que privilegiou uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, documental e, sobretudo, relatos orais, possibilitou verificar a presença de chorões da velha guarda e da nova guarda atuando na cidade. Os primeiros cultivando um choro mais tradicional e atuando sobretudo em residências, os segundos, interagindo com o choro moderno de Brasília, atuando profissionalmente em vários estabelecimentos e palcos da cidade, integrando projetos culturais. No entanto, prevalece em Goiânia um choro mais tradicional.

Palavras-Chave: Gênero choro; Cidade de Goiânia; Locais de atuação; Motivações; Mundo do trabalho.

The Wheels of Choro in Goiânia (GO): Motivations, Places of Performance and Relations with the World of Work

Abstract: The objective was to investigate the spaces that the choro genre has occupied today in the city of Goiânia, the motivations that have led the chorões to occupy these spaces, and the interactions they establish with the world of work. The theoretical methodological approach that favored a qualitative, bibliographical, documental searches, and, above all, oral reports, made it possible to verify the presence of “old guard” and “new guard” chorões working in the city. The first ones cultivating a more traditional choro and acting mainly in homes, the second ones, interacting with Brazilian’s modern choro, acting professionally in various establishments and stages in the city, integrating cultural projects. However, a more traditional choro prevails in Goiânia.

Keywords: Choro genre; Goiânia city; Motivations; Places of performance; World of work.

1. Introdução

As Rodas de Choro, que têm como cerne o gênero musical choro, surgiram no final do século XIX no Rio de Janeiro (TINHORÃO, 2010). Este gênero, que está na base da estruturação da música popular brasileira, historicamente tem circulado por várias cidades no Brasil. Tem sido fácil constatar que, apesar de não ter sido muito cultivado na antiga capital goiana – Goiás - que legou um patrimônio musical histórico importante para a nova capital (GUILARDI;CLÍMACO, 2018), o choro vem acontecendo muito na cidade de Goiânia na última década, sendo fácil encontrá-lo em vários locais, eventos, escolas de música e

integrando projetos culturais. Circunstância que despertou a curiosidade em saber as motivações que levaram à intensificação desta prática, já que a historiografia musical local não evidencia um histórico deste cultivo. Saber, em especial, se uma das motivações tem a ver com o investimento na profissionalização dos músicos, já que muitos deles atuam em palcos, restaurantes e bares. Tendo em vista este aumento do interesse pelo choro em Goiânia, essa pesquisa teve como objetivo investigar os espaços que as rodas de choro têm ocupado hoje na cidade, as motivações que têm levado os chorões a esses espaços, e as interações que estabelecem com o mundo do trabalho.

A investigação, de caráter qualitativo, investiu em pesquisa bibliográfica, documental e relatos orais. Referente à pesquisa bibliográfica, foram levantados autores e obras acadêmicas que têm discorrido sobre circunstâncias relacionadas ao contexto sócio-histórico cultural e musical goiano/goianiense e autores relacionados ao histórico e estrutura do gênero choro. A pesquisa documental remeteu às seguintes fontes: fontes arquivísticas, arquivos pessoais de chorões atuantes na cidade; fontes midiáticas propiciadoras de informações sobre a prática e eventos do choro em Goiânia; fontes iconográficas, fotos de músicos e de rodas de choro; fontes auditivas e áudio-visuais, CDs, DVDs; e fontes orais, relatos colhidos através de entrevistas que foram realizadas com músicos, produtores culturais, receptores do choro, empresários que cultivam o gênero em seus estabelecimentos, músicos que promovem o choro em suas residências, professores de escolas que têm investido em rodas de choro. As entrevistas, recurso importante nesta pesquisa, foram realizadas tendo em vista a percepção das peculiaridades das atuações musicais e do desenvolvimento da prática do choro em Goiânia; os principais locais onde os chorões têm atuado e os músicos que participam das Rodas de Choro; as relações que estes músicos têm estabelecido com o mundo do trabalho através desta prática musical.

Esta trajetória metodológica possibilitou confirmar a pressuposição de que atualmente o choro vem sendo cultivado na cidade de Goiânia de forma peculiar e constante em vários e diferentes locais e situações, assim como constatar a atuação de chorões da “velha guarda” (faixa de 50 a 70 anos) e da “nova guarda” (faixa de 20 a 40 anos). Por outro lado, levou à percepção de uma via de mão dupla estabelecida entre os chorões de Brasília e os chorões de Goiânia, o que tem tido influência no estilo e na prática do choro na cidade, assim como na profissionalização dos músicos da “nova guarda”, embora prevaleça o choro mais tradicional, se comparado a Brasília, e, como motivação, o prazer de tocar juntos.

2. Sobre o Choro... sobre o choro em Goiânia

O ambiente que caracteriza as Rodas de choro, desde que surgiram no Rio de Janeiro no final do século XIX, tem sido marcado por um clima afetuoso e descontraído, muitas vezes, regado a bebida e comida. Este gênero musical, considerado um dos primeiros da música popular urbana brasileira, que agrega instrumentos básicos como o bandolim, a flauta, o violão ou o cavaquinho, surgiu da interação de danças europeias, sobretudo a polca, com gêneros afro-brasileiros como o lundu (TINHORÃO, 2010; DINIZ, 2003; CAZES, 1999). A improvisação é uma das características importantes do gênero, que se manifesta mais como uma variação da linha melódica. A baixaria, outra característica básica, estabelece um diálogo entre os violões e a linha melódica principal executada pelo solo (SILVA NETO, 2017; BRAGA, 2004). Duas outras importantes características do choro tradicional são: uma estrutura formal que se aproxima da simetria da forma rondó – A B A C A – estrutura herdada da polca, e uma proximidade grande da centralidade básica do sistema tonal. Uma das relações importantes, entre estas três partes, acontece através das tonalidades, as partes B e C estão em tons vizinhos do tom principal, o tom da parte A (ALMADA, 2006). Na atualidade o choro evidencia também outras características, sobretudo, em termos harmônico e improvisatório: uma harmonia que se afasta muito do centro tonal, o emprego constante de escalas modais e um estilo improvisatório que se aproxima mais do jazz (SILVA NETO, 2017). Com o desenvolvimento do gênero, as partes que caracterizam a sua estrutura foram diminuídas para A e B (CAZES, 1999).

A questão agora é: como este choro tem acontecido em Goiânia? Segundo Chaul (1997), Goiânia foi criada na década de 1930, incorporando um símbolo de modernidade do Estado de Goiás, de progresso e desenvolvimento, solucionando problemas criados pela topografia da antiga capital, Goiás, que não permitia a expansão da cidade, e problemas causados pela forte tradição cultivada, sobretudo, pelas oligarquias locais. Por outro lado, ia ao encontro do projeto de Getúlio Vargas, que visava a integração do Planalto Central brasileiro ao restante do país: *A marcha para o Oeste*. Assim surgiu uma nova capital para o estado “arquitetada e projetada nos moldes da modernidade da época” (CHAUL, 1997, p. 236). Foi para essa cidade moderna, que muitos cidadãos da antiga capital do estado de Goiás se mudaram na primeira metade do século XX, trazendo na bagagem a rica vivência cultural goiana (PINA FILHO, 2002), a vivência de saraus lítero-musicais e serestas, um conjunto instrumental bem próximo ao dos chorões e um pequeno investimento no gênero musical choro, possivelmente por parte dos seresteiros, conforme também observado por Guilardi; Clímaco (2018).

Há relatos de antigos músicos radicados na cidade, como é o caso de Eurípedes Fontenelle (2019), de que já havia choro em Goiânia nas décadas de 1940/1950/1960. Cita o seu próprio pai, integrante de rodas de choro na cidade e o papel importante da chegada de pessoas de outras regiões do país que migraram para a nova capital goiana, trazendo na sua bagagem a prática do choro. Observa que as rodas de choro eram praticadas, no início, sobretudo em residências, fundos de quintais, reuniões informais. O choro neste período já se fazia presente, embora de forma bem restrita. Cita alguns nomes como os mineiros Geraldo Amaral e Marcos Borges, considerados valiosos para a existência do gênero e sua manutenção na capital. Práticas que continuaram até a década de 1980, quando alguns outros nomes despontaram, os chorões Chiquinho, Quietinho, Enéas Fernandes e Oscar Wildes Ayres da Silva, que deram continuidade à prática do choro junto a Geraldo Amaral, Eurípedes Fontenelle, e Evaldo da Flauta, dentre outros. Estes músicos são conhecidos hoje como a “velha guarda” do choro em Goiânia que, neste trabalho, corresponde a uma faixa de 50 a 70 anos.

As rodas de choro que aconteciam nos locais já mencionados, aconteciam também nos barzinhos. Vários entrevistados que participaram desta pesquisa são unânimes em afirmar que no rastro destas primeiras experiências e práticas, na década de 1980, foi criado o Clube do Choro de Goiânia sob a liderança firme de um nome que tem contribuído muito para a história do choro na cidade: Oscar Wilde Ayres Silva (Figura 1). Investindo na escola *Stúdio Centro de Música*, fundada por ele, criou o espaço propício para motivar e preparar vários alunos para o choro. Propiciou o encontro entre alunos, professores e chorões que vinham participar das rodas que promovia no fundo da escola às 5ª feiras, o que possibilitou o Clube do Choro nascer, crescer e necessitar de um espaço maior para que esses encontros continuassem a acontecer (SILVA, 2020).



Figura1. Oscar Wilde Ayres da Silva – fundador do Clube do Choro de Goiânia. Fonte: Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noite-e-dia/11211/clube-do-choro-volta-a-ativa-e-inicia-temporada-pixinguinha> Acessado em: 07 Out 2019

Apesar de o Clube do Choro não existir mais na atualidade, as influências deixadas por ele no cenário musical de Goiânia são marcantes até hoje, pois resultou no projeto *Grande Hotel revive o choro* (2003), atualizado, posteriormente, para *Grande Hotel Vive o Choro* em Goiânia (2012 até 2019). A Figura 4, mais adiante, mostra um cartaz do evento de 2018. Conforme o relato do chorão Fernandes (2020), referindo-se ao clube, “as suas atividades influenciaram e influenciam ainda o cenário musical da cidade até os dias atuais, deixaram as suas marcas...”.

Pimenta (2019) já ressalta a importância do trânsito entre os chorões de Goiânia e Brasília, uma vez que são capitais vizinhas com apenas 200 km de distância, e é natural que exista uma troca entre os ambientes de rodas de choro. Clímaco (2008) observa que o clube do choro de Brasília surgiu na década de 1970 e foi reestruturado na década de 1990, quando passou a investir em projetos culturais e na profissionalização dos chorões. Com este novo investimento do Clube reestruturado, a cidade se tornou um local de grande cultivo desse gênero, o que possibilitou também as condições que incentivaram e forjaram músicos que hoje são reconhecidos internacionalmente. Estes músicos passaram a ser admirados e considerados por terem alto nível de performance, o que tem estimulado bastante o trânsito entre Goiânia e Brasília, já que alguns dos chorões de Goiânia da nova guarda têm partido em busca desta experiência e convivência com as novas propostas. Pimenta (2019, p. 12), citando o violonista Rogério Caetano, goiano, forjado musicalmente em Brasília, observou que “pode-se deduzir que uma das principais motivações que levam chorões goianienses à Brasília é a busca pelo aprimoramento de suas habilidades.” Reafirmando o trânsito Goiânia/Brasília dos chorões, essa autora lembra que a quantidade de chorões brasilienses que visitam Goiânia também é grande. Muitas vezes os músicos vão a Goiânia para tocar em algum show e ao final do show eles se dirigem para casa de algum amigo ou para um bar, onde acontecem as rodas de choro. Ressalta ainda que há algumas diferenças entre a forma de fazer choro entre Brasília e Goiânia. O choro de Brasília, embora tenha herdado a forma mais tradicional do Rio de Janeiro, direcionou-se também para um choro moderno, marcado por harmonias mais contemporâneas e pelo estilo de improvisar próximo do Jazz, enquanto o choro de Goiânia, de um modo geral, tem se caracterizado como um choro mais tradicional.

3. O Choro em Goiânia hoje

A historiografia musical local não aborda o choro, circunstância que levou a fonte oral a ser muito utilizada nesta pesquisa. Foram entrevistadas onze pessoas, entre elas chorões

atuantes da “velha guarda” e da “nova guarda”, tendo em vista cinco categorias: chorões atuantes em Goiânia hoje; chorões que participaram da trajetória histórica do choro em Goiânia; empresários que trabalham com o choro em seus estabelecimentos; professores de escolas de músicas de Goiânia que investem no choro. Categorias que estiveram sempre submetidas a duas categorias mais amplas: Chorões da “nova guarda” (20 a 40 anos), e chorões da “velha guarda” (50 a 70 anos), duas expressões muito mencionadas por vários dos entrevistados nesta pesquisa. Os questionamentos que se consistiram em ponto de partida nesta coleta de dados e na abordagem das outras fontes foram: Onde esses chorões têm atuado em Goiânia, quais os mais atuantes, que motivações os levam a integrar as rodas de choro e quais as suas ligações com o mercado de trabalho?

Não foi difícil perceber que boa parte dos chorões da velha guarda não possui formação acadêmica musical, uma vez que aprenderam a executar choro e a improvisar nas rodas, de ouvido. Não usavam partituras para produzir música, o conhecimento se dava a partir da prática e não de conceitos teóricos, como pode ser visto no relato de João Motoca (2020), um chorão da velha guarda: “Eu não conheço teoria e se você passar para mim uma partitura eu não sei ler. [...] Eu ouço uma coisa e pego. Então eu me considero um auto didata [...]”. Para confirmar estas declarações, Lemos (2020), um chorão da nova guarda, violonista de 7 Cordas doutorando na UFRJ e professor da UFG, observou que o choro não estava vinculado a músicos profissionais: “A maioria [...] é assim, os caras, eles não são músicos profissionais sabe? Eles aprenderam de ouvido, o choro é muito forte na tradição oral”. Em contra partida, quase todos os chorões da nova guarda possuem formação musical acadêmica. De Geus, atuante em Goiânia hoje, com formação acadêmica e professor da escola estadual *Gustavo Ritter*, observou sobre esta circunstância: “Os mais velhos [...] eles trabalham muito a questão do ouvido, e, da minha geração pra cá, como muitos de nós passou pela faculdade, então a gente já tem conhecimento teórico musical. Só que o bom é que, eu mesmo, toquei muito com eles e aprendi muito” (DE GEUS, 2020).

Desta forma, o choro da nova guarda é marcado por um aspecto que engloba o conhecimento formal e o informal. Isto está fazendo que o gênero se renove a cada geração ao incorporar diálogos com os músicos mais jovens, incorporar uma forma diferente de se fazer improvisado, baseado nas características Jazzísticas. Silva Neto, outro chorão da nova guarda, também com formação acadêmica, professor da *Escola de Música Basileu França* e professor substituto na *Escola de Música e Artes Cênicas* da UFG, citando a interação Goiânia/Brasília

já mencionada e dois chorões forjados na capital brasileira que tem mostrado trabalho inovador, observou:

Eu percebo que essa galera mais nova, na questão prática, está buscando esse diálogo com... O Choro de Brasília tem, inclusive esse pessoal de Brasília, que direto vem aí. É muito diferente na questão da improvisação. Na prática do Choro hoje, você pega Rogério Caetano, você pega Hamilton de Holanda, esse pessoal, eles improvisam de uma forma parecida com os músicos de Jazz. Pega a harmonia de uma seção, faz um "C" aí, aí começa, não precisa mais ter conexão com a composição original. Então no primeiro momento a improvisação do Choro é mais baseada em variações melódicas, pequenas variações da melodia principal. Então hoje não, o cara pega uma seção e estuda detalhadamente uma harmonia... tipo toca uma seção, aí ele vai testar, vou aplicar uma frase com uma escala alterada, vou aplicar uma frase com uma escala diminuta. Entendeu? É algo diferente do que se fazia. Esse pessoal mais novo tá buscando isso. (SILVA NETO, 2020)

Com uma concepção semelhante, De Geus (2020) relatou:

Existem pessoas que trabalham com uma mentalidade tradicional (músicos mais antigos), então, eles não têm a prática da improvisação em chorus, que é muito comum no Jazz. Eles preferem tocar o choro de uma forma mais clássica e tradicional. Já os meninos da minha geração para frente, trabalham mais a improvisação de chorus, [...] trabalham com andamento mais rápido, tocam autores mais contemporâneos como Guinga, Hérmato Pascoal, Garoto. Existe também uma mistura com relação a concepção do Choro “moderno”. (DE GEUS, 2020)

Essas observações confirmam características estilísticas dos músicos da nova guarda que os diferenciam dos músicos da velha guarda. Geralmente são profissionais, com formação acadêmica, que atuam em um meio mais sistematizado e seguindo os novos direcionamentos do mercado de trabalho. Outro ponto a observar é que na atualidade (últimos dez anos), a prática do choro vem crescendo e, com isso, ele tem acontecido em vários locais da cidade, o que inclui a *Mercearia Serve Sul* e o *Empório Armário* com o Projeto Sukeria, evidenciados pelas Figuras 2 e 3.



Figura 2. Grupo de Choro na Mercearia Serve Sul / 2019. Presença de chorões da Velha e Nova Guarda
Fonte: Disponível: <<https://you.tube/eRvR1rvOSA4>>
Acessado: 09 Out 2019



Figura 3. Choro no Empório Armário que realiza o Projeto Sukeria. Presença de chorões da Velha e Nova Guarda. Fonte: Acervo de Adriana Losi

Por outro lado, vários projetos têm privilegiado o gênero. O Projeto do Choro realizado em Goiânia no histórico *Grande Hotel*, construído junto com a cidade e tombado como Patrimônio Histórico de Goiás pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), é promovido pela Prefeitura de Goiânia por meio da Secretaria Municipal de Cultura (Secult). Aconteceu na sua primeira versão em 2003 - *Grande Hotel Revive o Choro* - e depois na sua segunda versão - *Grande Hotel vive o Choro em Goiânia* - de 2012 até 2019 (Figura 4). O SESI (Serviço Social de Indústria) (Figura 5) e o SESC (Serviço Social do Comércio) também tem investido em projetos em Goiânia integrados pelo Choro, como é o caso do “Aldeia SESC de Artes”¹.



Figura 4. Cartaz anunciando uma edição do Projeto Grande Hotel Vive o Choro em Goiânia
Fonte: Acervo Pessoal de José De Geus



Figura 5. Show com o Grupo Descendo a Ladeira promovido pelo SESI. Fonte: Acervo Pessoal de José De Geus.

Outro local onde o choro tem sido muito encontrado hoje em Goiânia diz respeito às escolas de música (Figura 6 e Figura 7) de várias esferas institucionais. Dos onze entrevistados, quatro são professores que em sua prática de ensino contemplam o choro. Citando algumas dessas escolas, Silva Neto (2020) observou: “o Choro hoje está vivo e tem muita gente tocando, inclusive eu tenho uma oficina de Choro no *Basileu* e o Zé (De Geus) coordena outra no *Ritter*, tem o núcleo de choro da EMAC que eu coordenei até o ano passado”. Alinhado com esta fala, De Geus (2020) comentou:

Hoje existem várias oficinas aqui em Goiânia. Existe a oficina no IFG que é coordenada pelo professor Lamartine Tavares, existe a oficina no *Centro Livre de Artes* que é coordenada pelo professor Oscar Wilde, existe a oficina na UFG que era coordenada pelo Júlio Lemos e depois passou para o João Fernandes [...]. Então existem aí polos dentro da Universidade Federal e dentro das escolas, o *Basileu França*, o *Gustavo Ritter* onde eu atuo e o próprio centro livre de artes que é da estância municipal, então já são aí quatro núcleos de choro só aqui na capital (DE GEUS, 2020).

A Figura 6 mostra um grupo de choro do *Instituto Federal de Goiás* (IFG) em apresentação e a Figura 7 dois professores e alguns alunos da *Escola de Música e Artes Cênicas* (EMAC/UFG) integrando uma roda de choro com dois convidados – Oscar Wilde Ayres da Silva e José De Geus – o Zé do Choro. Esta roda, que fez parte do 1º Festival de Música Popular da instituição, aconteceu de 18 a 22 de novembro de 2019.



Figura 6. Grupo do Choro do Instituto Federal de Goiás (IFG). Fonte: Disponível: <<https://www.facebook.com/choronoif/>> Acessado: 27 Set 2020



Fig. 7. Choro na EMAC/UFG no 1º Festival de Música Popular. Professores, alunos e convidados: Oscar Wilde Ayres da Silva e José De Geus. Fonte: Disponível: <https://www.joaocasimiro.net/laboris?lightbox=data-item-k56xpu2t>> Acessado: 20 Set 2020

No referente ao mundo do trabalho e à recepção do choro em Goiânia, Assis (2020), proprietário de um Bar onde atualmente se reúnem chorões da velha guarda e Alves (2020), proprietária também de um bar onde se reúnem chorões, sobretudo, da nova guarda, quando abordaram a questão se têm lucro ou não com o investimento no choro, responderam que sim. Já sob o ponto de vista dos chorões viverem da sua música, se profissionalizarem, os chorões da velha guarda têm uma opinião diferente dos chorões da nova guarda. João motoca (2020), representante da velha guarda, observou a dificuldade de negociação com os empresários, a insistência deles no pagamento do fixo ao invés do *cover*, quando a casa se mantém cheia. Afirmou: “eu não sei como os caras aí vive de música”. Fernandes (2020) já pontuou: “eu acredito que o cachê que pagam hoje, não compensa eu sair de casa para tocar”. João Garoto (2020), também da velha guarda, embora ainda muito atuante hoje, já alega que Goiânia não tem público e investimentos para o choro, já que a grande procura é da música sertaneja, inclusive, por parte dos órgãos governamentais, incentivadores e patrocinadores de projetos. Assim, os chorões da velha guarda acreditam que a grande motivação de participar de uma roda de choro é o prazer de tocar.

As respostas dos chorões da nova guarda já mostram que acreditam que a tendência é de profissionalização dos músicos, embora também afirmem que não são bem remunerados, tenham que executar outros gêneros na mesma apresentação do choro e invistam em produção cultural. Afirmam que uma grande motivação de investirem no gênero é o prazer de tocar em uma roda de choro, mas não acreditam que seja só isso, acreditam que todos buscam também um espaço no mercado e acham importante estar se apresentando para o público e investindo em novas tendências estilísticas. Os entrevistados desta geração afirmaram: " [...] a tendência é profissionalizar" (SILVA NETO, 2020); "existem vários músicos profissionais ligados ao Choro" (DE GEUS, 2020); "a maioria são profissionais" (MONTEIRO, 2020); "O mercado para música popular é bem interessante, tem muita coisa. [...] Eu fui bem recebido e consegui fazer muitos trabalhos" (LEMOS, 2020).

Sobre a recepção do choro na cidade, Silva Neto (2020) comentou: "quem frequenta choro é o público fiel, sempre vai haver muitas pessoas." De Geus (2020) afirmou que "sempre existe público para o Choro [...] se houver uma boa divulgação e um bom trabalho de marketing sempre vai dar público." Monteiro (2020), citando o grande sucesso que foi o *Projeto Grande Hotel Vive o choro*, observou: "[...] eu acho que o público recebe muito bem.". E todos são unânimes em afirmar que o movimento do choro na cidade está crescendo, "porque hoje em dia está mais fácil de realizar as divulgações" (LEMOS, 2020); "é como se tivesse ressuscitado de um tempo para cá. No final de 1970 teve um declínio e nos anos 1990 e 2000 começou a voltar de novo" (SILVA NETO, 2020). Observações que confirmaram a pressuposição da pesquisadora de que o choro vem ganhando cada vez mais espaço na cidade de Goiânia.

4. Considerações Finais

Pode-se afirmar, portanto, tendo como suporte o trabalho com os dados colhidos nas diversas fontes, que o choro e suas práticas vêm sendo cultivado em Goiânia em diversos locais como residências, palcos de eventos, bares, escolas, além de integrarem projetos culturais. Muitos integrantes da velha guarda, que participaram e ajudaram a construir a trajetória histórica deste gênero em Goiânia, continuam atuando na cidade, sobretudo, em residências e alguns bares, cultivando o choro mais tradicional e sem preocupação de se profissionalizar, afirmando sempre que tocam pelo grande prazer de integrar uma roda de choro e que o choro não é bem recebido na cidade. Já os integrantes da nova guarda são mais atuantes em termos de uma profissionalização, sobem mais aos palcos, interagem mais com o choro moderno que tem caracterizado Brasília e investem no choro junto ao cultivo de outros gêneros



musicais em suas apresentações. Ao contrário de grande parte dos chorões da velha guarda, concordam que o choro está se desenvolvendo muito na cidade na atualidade, conquistando um espaço onde tem boa recepção. Apesar de opiniões diferentes, no entanto, é unânime a opinião dos entrevistados dos dois grupos de que uma das grandes motivações de se dedicar ao choro é o prazer de se fazer música em grupo, de integrar a ambiência de uma roda de choro, sendo, por isso, muito comum constatar em muitos momentos e locais da cidade, chorões da velha e da nova guarda atuando juntos. Esta circunstância faz que prevaleça um choro mais tradicional. Há uma trajetória peculiar, um ritmo próprio em Goiânia, portanto, e, apesar das duas gerações de chorões divergirem em muitos pontos, estão sempre se encontrando.

Referências:

- ALMADA, C. *A Estrutura do Choro*. Rio de Janeiro: Da Fonseca, 2006.
- BRAGA, L. O. *O violão de sete cordas*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2004.
- CAZES, H. *Choro: do quintal ao Municipal*. São Paulo: Ed 34, 1999
- CLÍMACO, M. M. *Alegres Dias Chorões: o choro como expressão musical no cotidiano de Brasília. Anos 1960 – tempo presente*. 2008. 393 f. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas – PPGH, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CHAUL, Nars. *Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.
- DINIZ, A. *Almanaque do Choro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003
- GUILARDI, L.; CLÍMACO, M. M. O Lundu canção e o choro: implicações com a sociedade goiana que cultivou saraus e serestas. *Revista Música Hodie*. Goiânia, Vol.18 – n. 2, 2018, p. 213-228.
- PIMENTA, V. A. *A trajetória inicial do gênero musical choro em Goiânia: trânsito de chorões e peculiaridades das interações com o choro de Brasília*. Relatório Final Iniciação Científica / PIVIC – Universidade Federal de Goiás, 2019
- PINA FILHO, B. W. *Memória musical de Goiânia*. Goiânia: Kelps, 2002.
- TINHORÃO, José R. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 2010
- SILVA NETO, J. F. *Tradição, inovação e diversidade na baixaria do choro de Rogério Caetano*. 2017. 200 f. Tese de Doutorado. Escola de Música e Artes Cênicas. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2017.

Entrevistas:

- ALVES, Thais Moreira. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 01 Set 2020. Áudio.00:16:47 Não publicada.
- ASSIS, Elisio de. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 4 Abr 2020. Áudio. 00:05:00. Não publicada.



CASTRO SILVA, João da Soledade (João Motoca). Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 29 Abr 2020. Áudio.01:23:55. Não publicada.

De GEUS, José. Reis Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 14 Abr 2020. Áudio.00:37:20. Não publicada.

FERNANDES, Eneas Aquila. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 28 Abr 2020. Áudio. 00:54:58 Não publicada.

FONTENELLE, Eurípedes. Entrevista concedida a Mariana M. Ferreira em 01 jun. 2019. Áudio. 2h47min.25s. Não publicada

LEMOS, Júlio Cesar Moreira. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 06 Abr 2020. Áudio. 1:42:45. Não publicada.

MONTEIRO, Adriana Losi. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 13 Mai 2020. Áudio.00:53:21. Não publicada.

RODRIGUES FILHO, João Rodrigues (João Garoto). Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 01 Set 2020. Áudio.02:02:39 Não publicada.

SILVA NETO, João Fernandes. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 06 Mar. 2020. Áudio. 00:46:16. Não publicada.

SILVA, Oscar Wilde Ayres. Entrevista concedida a Lauriane Barbosa em 30 Abr 2020. Áudio.01:25:34. Não publicada.
